



## **A FESTA COMO ATRAÇÃO TURÍSTICA E FATOR DE HOSPITALIDADE**

**Dra. Marielys Siqueira Bueno**

O desenvolvimento capitalista acarretou a mercantilização generalizada destruindo numerosos tecidos da convivialidade. Embora tenha possibilitado um florescimento individual, a liberdade e o lazer, trouxe, também, uma atomização da vida urbana. Muitos pensadores sociais apontam para essa fragmentação do espaço urbano que empobrece as relações. Por sua vez, as festas, no dizer de Balandier, abrem espaços no interior da sociedade numa participação ativa que cria espaço para a “solidariedade vicinal”. Elas também constituem um cenário importante e atraente da cultura e, por isso mesmo, oferece um forte apelo como atração turística.

O objetivo do nosso trabalho seria o de levantar subsídios que permitam investigar nessa solidariedade de base que ocorre no espaço festivo que une os habitantes de um mesmo lugar, as transformações (se houver) ao se defrontar com o fenômeno turístico, ou seja, como as festas comunitárias reagem ao olhar dos “de fora” e verificar nessas relações os aspectos que favorecem a hospitalidade.

As festas escolhidas para esse objetivo foram:

- a) A Cavallhada – em Pirenópolis –Goiás – (festa religiosa)
- b) A festa do Boi-Bumbá – em Parintins – Amazonas – (festa folclórica)



## **Introdução**

Referindo-se à festa como manifestação cívica e cultural, Octávio Paz (1984) diz que “a sociedade comunga consigo mesma na festa” e, graças a ela, o mexicano comunga com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência religiosa ou política.

Nada na sociedade atual favorece tais encontros. O desenvolvimento capitalista, na opinião de Edgard Morin, acarretou a mercantilização generalizada destruindo numerosos tecidos de convivialidade. Esse desenvolvimento, diz ele, “não somente trouxe florescimento individual, liberdade e lazer, mas também, uma atomização, consequência das coerções organizacionais especificamente modernas”. (1993)

Muitos pensadores sociais apontam para essa fragmentação do espaço urbano que compromete a convivialidade e empobrece as relações. Richard Sennet (1994), em seu livro “O declínio do homem público” verifica que à medida que a vida pública e comunitária se torna exangue anula-se o senso de contato significativo.

Referindo-se à condição atual, Balandier (1980) afirma que o homem de hoje está preso no casulo invisível formado por todas as redes que lhe transmitem à distância, imagens e ruídos do mundo. É preciso, diz ele, encontrar novas terapias capazes de tirar os homens do efeito das fascinações e reensinar a eles governar as imagens e a não suportar que elas sirvam à captura da sua liberdade “““.

Hoje, quando praticamente todos os espaços estão impregnados pelo espírito da modernidade que, segundo Baudelaire é “o transitório, efêmero, contingente” (1988), determinando uma vida linear, direcionada, planificada, torna-se imperativo a constatação de que existem diferentes dimensões na concretude da vida.

A festa, nesse caso, diz Balandier (1985), abre espaços livres no interior da sociedade e ela não seria apenas um espetáculo onde se joga com a realidade e com o imaginário, mas, igualmente, uma participação ativa onde se cria espaço para a libertação física e psíquica possibilitando a “solidariedade vicinal” e a coesão social.



As festas são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas. A festa constitui um cenário importante da cultura. Nela se instala o clima do riso, descontração, despreocupação. Na festa, o futuro e o passado se congelam – o presente predomina. A cabeça se esvazia do peso, do fardo do cotidiano que emperra as ilusões e enferruja os sonhos, o imaginário. A festa tem leveza, projeta a ordem na desordem, no momento suspenso. Nela se vê, se toca, se conecta com o ‘o outro’. Na festa a despesa não é utilitária e a sociedade vê nela uma fonte de energia e criação. Octavio Paz diz que a festa “é uma verdadeira recr(e/i)ação, ao contrário do que acontece com as férias modernas, que não trazem rito ou cerimônia alguma, que são individuais e estéreis como o mundo que as inventou”. (1984)

O imaginário, atuante nos momentos criativos de festa, continua, segundo Balandier, o meio privilegiado pelo qual o homem introduz materialidade a seus sonhos.

A festa enquanto manifestação cultural comunitária possui uma dimensão social que não pode ser negligenciada. Inscrita no contexto do lazer, essa comunhão de emoções confirma a sociabilidade em ato que cimenta a vida social.

### **Proposta básica e objetivos**

A hospitalidade é um fenômeno complexo e a cada dia o seu universo se alarga, se modifica e aumenta suas interfaces e suas articulações com diferentes segmentos da sociedade.

Os efeitos desse crescimento, dessa ampliação incidem em várias dimensões e tem implicações sociais, culturais, psicológicas além de econômicas e, isso, evidencia que não se pode prescindir da reflexão e da análise de suas múltiplas formas através da multiplicação de estudos que assegurem um fluxo contínuo de informações que alimentem uma reflexão sistemática de suas diferentes modalidades.



Como já foi colocado, as festas constituem um cenário importante e atraente da cultura e, por isso mesmo, oferecem um espaço e um momento privilegiado para o acolhimento, para a hospitalidade.

Assim a proposta básica se orienta para uma reflexão sobre as condições e as relações da hospitalidade com as festas que chamarei de ‘comunitárias’ para evitar todo envolvimento polêmico da expressão ‘cultura popular’, ‘festa popular’.

Acredita-se, em função do exposto até então, que procurando observar as relações de convivência nas festas comunitárias, a sua ordenação, seu grau de integração e sua exposição ao fenômeno turístico surjam indicadores que permitam avaliar os elementos envolvidos nessa prática e o desdobramento dessa relação, possibilitando, assim uma compreensão mais ampla dessa realidade. Além disso, as duas festas escolhidas para a investigação ganharam projeção nacional e, hoje, atraem um número considerável de visitantes para participarem delas.

Procura-se, dessa maneira, levantar subsídios que permitam investigar os diferentes aspectos do fenômeno e apontar nessa solidariedade de base no espaço festivo que une os habitantes de um mesmo lugar, as adaptações, as transformações (se houver) ao se defrontar com o fenômeno turístico, ou seja, como as festas comunitárias reagem ao olhar dos de ‘fora’.

Segundo Urry, citado por Luiza Neide M. T. Coriolano (1997). “Existem muitos determinantes conflitivos entre hospedeiros e hóspedes nas relações sociais através das práticas turísticas”. Parece, portanto, ser importante verificar a natureza dessa interação entre visitantes e residentes nessas festas e avaliar as marcas deixadas por esse intercâmbio criando novos elementos e/ou novas funções.

De um lado, o fenômeno turístico pode significar revitalização dessas festas e oferecer condições para a manutenção dessas expressões culturais sempre ameaçadas de esgotamento e extinção face às condições corrosivas da modernidade. E, essas festas, por sua vez, oferecem ao turista, além do acolhimento, elementos que o enriquecem na medida em que se contrapõem à homogeneidade cultural da vida moderna, pois que olhar já é participar pela alegria, satisfação e a euforia que a festa suscita. De outro lado, poder-se-á, também,



investigar em que medida tais tradições foram preservadas, recriadas ou reelaboradas no sentido de corresponder ao olhar do outro.

Para a concretização de nossos objetivos escolhemos a festa da Cavallhada em Pirenópolis, Goiás que tem o caráter predominantemente religioso e a festa do Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas de caráter folclórico. Essas duas festas foram selecionadas, pois ambas privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente e, em ambas, encontra-se o aspecto mutirão que evidencia a oposição ao individualismo<sup>1</sup>, engendrado pelas características urbanas. Nas duas festas, a comunidade local se prepara durante o ano todo, trabalhando em conjunto, em equipes na elaboração da expressão de uma imaginação simbólica através da qual desempenha seu papel revelador e crítico.

A despeito das influências urbanas e turísticas, essas festas conseguem resistir, se manter e até se ampliam marcando sua presença de forma marcante no cenário nacional. A razão dessa persistência, desse fortalecimento talvez explique igualmente aspectos positivos dessa articulação da festa comunitária com formas de acolhimento e com elementos novos como o turismo.

Ao longo da produção científica de Maria Esther Fernandes ela insiste que a investigação científica deve estar preocupada em reconstituir as formas concretas de vida porque é a prática real dos homens que define suas possibilidades de reprodução ou rejeição dos bens simbólicos a que estão sujeitos. E é essa a tarefa que nos propomos no momento.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.